



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

(Eixo Ordem Pratiarcal De Gênero E Relações Sociais De Sexo)

Estórias que moldaram a história! — a expectativa de gênero promovida pelos contos de fadas tradicionais como ferramenta de (des)manutenção do patriarcado

Luiz Augusto Mugnai Vieira Junior¹

Jéssica Pêgo Gomes Santos Silva²

Nicoli Vilaça Nogueira³

Fernanda Almeida Dos Santos⁴

Resumo: Este estudo analisa como os contos de fadas tradicionais reforçam padrões de gênero socialmente impostos, sustentando uma visão misógina. Discute seu papel pedagógico e o impacto negativo no imaginário infantil, ao apresentar papéis limitantes e arcaicos: a menina indefesa e o menino herói. Por meio de revisão bibliográfica de obras como as dos Irmãos Grimm e Perrault, propõe-se uma releitura crítica dessas narrativas. O objetivo é recontar as histórias, libertando crianças desses estereótipos para que sejam protagonistas de suas próprias vidas, livres de amarras sociais pré-determinadas pelo patriarcalismo.

Palavras-chave: patriarcado; imaginário infantil; gênero; mulher; contos de fadas.

Abstract: This study analyzes how traditional fairy tales reinforce socially imposed gender patterns, sustaining a misogynistic view. It discusses their pedagogical role and the negative impact on children's imagination, presenting limiting and archaic roles: the helpless girl and the hero boy. Through a bibliographic review of works such as those of the Brothers Grimm and Perrault, a critical reinterpretation of these narratives is proposed. The objective is to retell the stories, freeing children from these stereotypes so that they can be protagonists of their own lives, free from social constraints predetermined by patriarchy.

Keywords: patriarchy; children's imagination; gender; women; fairy tales.

¹ Cientista Social, Docente e Pesquisador - UNIPAR, Doutor em Ciências Sociais – UNESP – Pós- Doutorando em Filosofia – UNIOESTE- gutomugnai@prof.unipar.br .

² Discente do curso de Psicologia – UNIPAR - professorajessicapego@gmail.com

³ Discente do curso de Psicologia – UNIPAR - vilacanogueiranicoli@gmail.com

⁴ Discente do curso de Psicologia – UNIPAR - fernanda060301@edu.unipar.br



1. INTRODUÇÃO

Este estudo emerge a partir de observações cotidianas e reflexões sobre os contos clássicos e as expectativas de gênero irreais e limitantes, que pautam a aparência, os relacionamentos, os papéis sociais, as resoluções de conflitos, entre outros aspectos. Objetivase, neste estudo, a elaboração de propostas que visem auxiliar na promoção de contos de fadas que combatam visões misóginas, para que as crianças – sobretudo as meninas – não cresçam com perspectivas limitantes e nocivas sobre si mesmas e sobre seus pares. Para tanto, pretendemos utilizar análises objetivas e reflexivas acerca dos contos de fadas, considerando sua importância para a construção social da criança (Franz, 1990).

Após análise das obras originais Dos Irmãos Grimm e Perrault, e de releituras contemporâneas, observamos a quão prejudicial e perversa é a atuação dos contos de fadas na formação das crianças, especialmente das meninas. A partir daí, buscamos compreender os pontos que reforçam comportamentos, pensamentos e visões misóginas nas crianças, optando por observar essa questão subjacente nos contos de fadas utilizados desde tempos antigos com a finalidade de serem um entretenimento instrutivo. Por outro lado, sabemos que não aboliremos completamente as narrativas que fomentam papéis de gênero estereotipados; contudo, propomos refazer as leituras de forma mais humanizada, apresentando reflexões críticas sobre como o patriarcado é a base que sustenta uma economia de exploração do ser humano, defendendo que a misoginia produz tipos de masculinidades e feminilidades nocivos.

Portanto, debates sobre o sexismo presentes nos contos deveriam ser promovidos sempre que estes forem utilizados para fins pedagógicos, pois "A linguagem dos Contos de Fadas parece ser a linguagem internacional de toda a espécie humana – de idades, raças e culturas" (Franz, 1990). Para Regina Michelli e Flávio Pratss (2009), a função social dos contos de fadas se cumpre justamente em seu cenário típico de um mundo maravilhoso, com heróis, reis e príncipes, castelos, seres mágicos... A partir disso, refletimos que esse mundo maravilhoso é propício para a exploração, o que implica que a criança se sinta mais à vontade para tomar como reais as lições e conceitos ali presentes. É nesse ponto que trabalharemos as questões pontuais, coibindo a misoginia. Michelli e Pratss (2009) apontam que, na obra de Perrault, por exemplo, há sempre dois 'tipos' de personagens masculinos, que podemos resumir entre: o predador e o herói (Michelli; Pratss, 2009, p.3).

O que levanta a discussão: qual a visão de masculino que aquela criança formará? "Imagens simbólicas, de caráter universal, as quais configuram um modo de ser que se manifesta inconscientemente no homem e inconscientemente na mulher (...)" (Michelli; Pratss, 2009, p.3). Sendo assim, propomos a realização de estudos por meio de revisão bibliográfica baseada em livros pertinentes ao tema, principalmente "Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos" dos irmãos Grimm entre anos 1812/1815 e "Contos da Mamãe Gansa" (Perrault, 1697), para leitura e análise crítica, a fim de mostrar a possibilidade de propor outras formas de recontar algumas histórias. Dessa maneira, poderemos libertar nossas crianças dessas visões nocivas e limitantes



impostas pelo patriarcado e perpetuadas por tantas eras.

2. A ORIGEM, IMPORTÂNCIA E DISCUSSÕES DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas são fundamentalmente pedagógicos, dramatizando vivências que a criança traz como suas: "Não existe uma teoria certa de como as histórias têm sobrevivido ao longo dos séculos passando de geração a geração, mas com toda certeza, são um arquivo cultural comum a diversas culturas" (Valente; Vasconcelos, 2019, p.24). Assim como dito pelos irmãos Grimm no trecho inicial de seu livro "Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos" (Grimm; Grimm, 1812/1815, p.6): "O canto junto à lareira ou perto do fogão de lenha na cozinha, o lugar ao pé da escada, os feriados que ainda se festejam, os pastos e as flores em silêncio, e sobretudo a fantasia – estas são as cercas vivas que protegeram essas histórias e levaram a tradição de uma época à outra". Diferenciando-se dos mitos, cuja origem estava em explicar o mundo natural e os fenômenos considerados até então inexplicáveis, os contos de fadas, por sua vez, tinham outra função: não apenas de entretenimento ou de explicação. Conforme apontado por Valente e Vasconcelos (2019, p.24) em seu estudo: "[...] Bruno Bettelheim (2002, p. 197), partindo deste princípio, defende em seu livro 'A psicanálise dos contos de fadas' a seguinte premissa: "O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual".

Observa-se, por meio do fragmento acima e das histórias presentes no livro "Contos da Mamãe Gansa" (Perrault, 1697), que talvez desde sua origem os contos tenham esse fundamento de entretenimento pedagógico, tanto para alertar o indivíduo sobre como evitar alguma fatalidade cotidiana – como exemplifica a 'moral da história' disponibilizada no final do conto da Chapeuzinho no livro de Perrault – quanto para ensinar que comportamentos socialmente bem-vistos devem ser recompensados, como em "Cinderela".

É importante compreender que, no caso dos contos tradicionais, seu conteúdo nem sempre foi dedicado exclusivamente ou majoritariamente ao público infantil. A origem dos contos remete a uma época em que, diferente do que acontece hoje, as histórias eram contadas entre adultos (Valente; Vasconcelos, 2019, p. 26). Por isso, nos contos originais as narrativas não são doces e coloridas como as conhecemos atualmente; pelo contrário: elas apresentam eventos comuns à época, tão angustiantes quanto a realidade, com atitudes perversas, histórias de amores tóxicos e até mesmo canibalismo, como no caso da história da Chapeuzinho (Perrault, 1697).

O livro "Contos de Fadas" da professora Maria Tatar da Universidade de Harvard é uma obra de referência que combina uma antologia de histórias com uma análise crítica profunda. O foco principal da obra está em investigar as origens, transformações e significados culturais dos contos de fadas tradicionais, especialmente aqueles coletados pelos Irmãos Grimm. Tatar (2002) analisa como essas histórias, muitas vezes mais sombrias e complexas em suas versões originais, foram editadas e suavizadas ao longo do tempo para se tornarem o que conhecemos



hoje. Para a estudiosa "são justamente esses elementos de angústia, medo, desejo, romance, amor e paixão, que garantem a vitalidade dos contos na sociedade contemporânea" (Valente; Vasconcelos, 2019, p. 27). A sociedade ocidental da época a que se reportam os contos registrados pela escrita de Perrault, cuja origem recua a períodos de difícil demarcação, funda-se nas bases da cultura cristã e patriarcal (Michelli, 2013, p.2). Assim sendo, questiona-se se não há uma manutenção dos papéis de gênero pré-impostos socialmente a partir da reprodução dessas histórias (desatualizadas) que as crianças ouvem desde pequenas, conforme Valente e Vasconcelos (2019): "A noção de feminilidade da mídia ensina que a mulher deve ser dócil, sorridente, bela e sempre jovem; nas propagandas, é a mulher que abraça todos os papéis: trabalha, cuida dos filhos, cuida de si e nunca está estressada por lidar com tantas responsabilidades" (Aguilar; Barros, 2015, p. 5).

A preocupação aqui é a criança exposta a visões tão misóginas enquanto ainda não tem cognição ou repertório social para elaborar uma linha de raciocínio que a faça pensar criticamente a respeito delas e, portanto, é profundamente afetada ainda em sua formação. Discute-se isso pois refletiu-se que, sem essas contextualizações desde a infância, ao chegar à vida adulta a mulher pode se perceber em conflito com os conceitos de feminilidade impostos pela sociedade e com aquilo que ela mesma entende e sente ser. Pode mergulhar em angústias, numa eterna dualidade entre ser livre e ser socialmente aceita, já que "não fomos jamais treinadas para a liberdade, mas sim para o seu oposto: a dependência", de modo que "homens são educados para a independência desde o dia de seu nascimento, igualmente sistemático; na contramão, as mulheres são ensinadas a crer que, algum dia, de algum modo, serão salvas" (Dowling, 1981, p. 08).

3. A PRINCESA COMO SÍMBOLO DE PASSIVIDADE NOS CONTOS

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1967, p.9). O aforismo seminal de Simone de Beauvoir lança uma luz crítica sobre a princesa dos contos tradicionais. Para a pensadora, a feminilidade não é uma essência biológica, mas uma construção social e histórica, um destino de "outridade" e imanência que é ensinado. A princesa encarna perfeitamente esse processo: sua identidade é definida não por suas ações, mas por sua aparência, sua pureza e, sobretudo, pela espera. Ela é o objeto da narrativa, confinada à torre, adormecida ou submetida a provas, aguardando a ação transformadora de um sujeito externo – o príncipe. Sua passividade não é um traço de caráter, mas a performance obrigatória de um gênero que a sociedade define como "feminino". Assim, o conto de fadas opera como um manual pedagógico que naturaliza a mulher como ser-para-outrem, cujo ápice existencial é ser escolhida e salva, nunca autora de seu próprio destino.



Observa-se que os contos de fadas sempre foram utilizados como norteadores sociais, ocupando esse espaço instrucionista desde suas origens (Dowling, 1981, p.08). A manutenção de gênero realizada a partir das histórias que as crianças ouvem desde a educação infantil, quando ainda não conseguem compreender criticamente como o funcionamento do conto as afeta, pode criar no imaginário feminino infantil padrões sociais que associam o sucesso feminino à beleza, obediência e submissão, enquanto promovem a liderança, a força e a rigidez como traços naturalmente ligados ao masculino. (...). Como Simone de Beauvoir (1967) observou tão astutamente há mais de um quarto de século, as mulheres aceitam o papel de submissas "para evitar a tensão decorrente da construção de uma existência autêntica" (Dowling, 2022, p.13). Ao ler um conto tradicional, a criança o entende como uma elaboração da realidade, tomando-a para si como verdade. Ela passa a se perceber em situações semelhantes às encontradas nos contos, identificando-se com as personagens e entendendo-as como possíveis representantes de seu futuro próximo (Bettelheim, 1976).

Assim, compreendemos como os contos afetam a elaboração do "eu" que a criança faz a partir das histórias. Através delas, é colocada a necessidade do outro personagem para a completude de sua história e o respectivo final feliz. Aqui, vale ressaltar como o inconsciente infantil feminino é formado a partir dos contos: em "Branca de Neve", a salvação vem pelo beijo do príncipe; em "Cinderela", o final feliz se dá pelo casamento; em "A Bela Adormecida", o sono mágico é quebrado por atitudes masculinas... A mente jovem se espelha nessa imagem submissa e se forma ao redor de um ideal passivo e submisso, sempre à espera da figura masculina. Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa, mas entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor (Beauvoir, 1967, p. 67).

A despersonalização do ser feminino o coloca em extremos: ou o inocente, desprovido de inteligência e razão, sempre submisso: a boa princesa; ou o maléfico: a bruxa má, indo a pontos onde o "outro" feminino é visto como rival. Além disso, trazem na personalidade traços relacionados à independência feminina como algo fora do papel da mulher, sendo essa norma quebrada poucas vezes com histórias que fogem do padrão. Observou-se que, muitas vezes, a partir da puberdade a jovem perde terreno nos domínios intelectuais e artísticos (...). A adolescente não encontra ao seu redor os incentivos que são oferecidos a seus irmãos; ao contrário: querem que ela seja também uma mulher, e é-lhe preciso acumular as tarefas de seu trabalho profissional com as que sua feminilidade implica (Beauvoir, 1967, p. 71).

Além da carga social dos contos, percebe-se essa contradição com o fato de que, após muitas lutas, atualmente nós mulheres somos compreendidas como seres humanos independentes, com deveres e direitos inerentes ao gênero. Isso traz às figuras femininas adultas e/ou adolescentes conflitos com seu "eu" interior, numa busca de equilíbrio entre o que se é e o que deve ser. Porém, é importante destacar que:



No decorrer dos tempos, os personagens da literatura infanto-juvenil sofrem modificações, apresentando valores conforme os que estão em evidência no tempo, no país na cultura vigente nos quais são apresentados. Nesse processo de transformação, a mulher conquista espaço e esse processo de conquista é representado nos contos infantis, passa da submissão à independência, e torna-se capaz de opinar na vida social (PIMENTA; CORTIVO, 2012, p.1).

Isso se deve porque a vida inteira criou para si uma máscara a partir dos contos e das expectativas de comportamentos ouvidos na infância, agora percebe que, na verdade, foi ensinada a usar um cabresto social, e tem-se esse “conflito libertador”, que é a oportunidade de descobrir-se além “do papel” e de viver com liberdade, percebendo-se como uma mulher adulta que detém sua independência e autonomia.

4. OS CONTOS DE FADAS E AS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

Conforme já apontado, observou-se a importância dos contos para a construção social da criança (Franz, 1990), o que nos leva a refletir se a manutenção das relações baseadas nas expectativas de relacionamento e vida idealizadas por meio das narrativas origina-se ainda na infância, quando o indivíduo entra em contato com as histórias pela primeira vez e começa a pensar, compreender e observar o mundo também por meio delas. Inclusive, serão os contos de fadas os responsáveis por semear esse solo fértil que é a imaginação infantil (Valente; Vasconcelos, 2019).

Com isso, refletiu-se se é possível que, ao abordarem os contos tradicionais, as escolas possam promover também debates, atividades ou narrativas que quebrem paradigmas hétero-patriarcais, promovendo uma maior identificação com a moral social contemporânea, buscando enredos que promovam identificação entre o indivíduo e a história (...) e, principalmente, rompendo com esse ciclo de manutenção da misoginia. Porque sim, promover narrativas abusivas é fazer a manutenção de uma sociedade misógina, criando e fortalecendo valores correspondentes à época em que foram criados, padrões sociais que delegaram ao feminino apenas o silêncio, a beleza, obediência e submissão, enquanto a força, a inteligência e o heroísmo eram reservados ao masculino (Michelli, 2013).

Como já colocado, a imagem recorrente do “príncipe salvador” e da “princesa indefesa” mostra um modelo machista de relacionamento, no qual o valor feminino está condicionado ao olhar e à aprovação masculina.

Não obstante, é necessário pontuar os contos de fadas como o primeiro instrumento para a construção e institucionalização das crianças a uma sociedade que sujeita a mulher a desempenhar funções unicamente domésticas, de assistência familiar e manutenção do patriarcalismo (Valente; Vasconcelos, 2019, p. 31).



De acordo com Bettelheim (2002) como Dowling (2022), essas histórias reforçam a fragilidade como um atributo feminino desejável, consolidando a ideia de que a mulher deve ser protegida, resgatada e recompensada com o casamento, mesmo em caso de abusos – como é o caso de "A Bela Adormecida", que em sua versão mais antiga é chamada de "Sol, Lua e Tália" (Basile, 1634). No conto "Sol, Lua e Tália", o rei, ao encontrar a princesa adormecida, "não resistiu e 'colheu dela os frutos do amor'", realizando o ato sexual sem o consentimento da mulher (Fernandes, 2021). A 'versão atualizada' traz a naturalização da violação do corpo feminino através de um 'inocente' beijo de amor verdadeiro. Porém, contar esta história de "sono eterno, beijo, acordou e foi feliz para sempre" desde a infância deveria ser revisto.

Esta narrativa nem sequer desperta o interesse público infantil, ou anseios próprios da infância, sem que haja uma adultização. Os temas que o educador(a) irá propor devem ser variados, a fim de atingir a maior quantidade possível de alunos, garantindo o máximo de qualidade. A partir do momento em que o adulto se emociona, sente ou se irrita na sua leitura anterior, a criança, com certeza, estabelecerá um vínculo com o educador; há verdade nessa relação construída pela autenticidade (Gonçalves, 2023).

Vindo ao encontro da fala de Gonçalves (2023), perguntamos se, portanto, talvez nem devessem existir versões dessas narrativas para o público infantil? Até porque contar para as crianças que está tudo bem beijar alguém que está dormindo, sem trazer uma análise crítica, é literalmente naturalizar a violação de corpos, enquanto ensina à menina que ela deve aceitar tudo dentro de um relacionamento e, ao mesmo tempo, diz ao menino que 'tudo bem se ela/ele não revidar, mesmo que esteja inconsciente'. E isso é uma gravíssima contribuição para a cultura do estupro, normalização de relacionamentos abusivos e adultização. Na versão de Perrault (1697), na versão dos Irmãos Grimm (1812) e na versão de Walt Disney (1959), não há essa violência; contudo, a princesa é despertada através do beijo, ou seja, há ainda a subjugação da mulher presente nessa narrativa, pois, segundo Medrada (2018):

Assim, de acordo com Shotter e Logan (1993), na construção do eu feminino, as mulheres não dispõem/dispueram de narrativas próprias que forneçam/fornecessem elementos sobre si mesmas; tudo o que conhecem/conheceraam sobre seu eu surge/surgiu do que foi e, em certa medida ainda é, alicerçado pelos homens historicamente" (Medrada, 2018, p. 5).

Por meio dessas reflexões, discute-se como fortalecer as abordagens das narrativas clássicas de forma que contemplem os anseios atuais e não reforcem estruturas misóginas cheias de ideais limitantes, como, por exemplo, a ideia de que o casamento seja o dia mais feliz da vida da mulher e o 'fim' da vida do homem. "Vimos mulheres (brancas e loiras) terem todos os seus problemas resolvidos por homens (brancos e ricos) e achamos incrível; torcemos pelo amor entre uma mulher e o homem que lhe aprisionou; comemoramos ao ver homens beijando mulheres desconhecidas e desacordadas.

E, para além de tudo isso e de tantos outros fatos extremamente problematizáveis, romantizamos todas essas histórias como afirma Alice Amarante (2020, p.310):



Quem nunca foi ao delírio cantando com a Bela pela aldeia e pelo palácio da Fera? Ou com a Cinderela, enquanto ela limpava a casa, com os ratinhos? Ou com a Branca de Neve, junto com os sete anões e com a Aurora, pelas florestas? E com a Barbie, então?! Com suas inúmeras histórias diferentes, cheias de aventuras e músicas originais? Sem sombra de dúvida foram elementos marcantes de muitas infâncias, com os quais vivemos momentos felizes e criamos uma relação de afeto, que nos enchem de nostalgia quando vemos algo relacionado ou, principalmente, escutamos alguma das músicas imortais em nossos corações. Entretanto, aqueles momentos de prazer infantil foram um dos primeiros a inserir em nossas mentes discursos racistas, classistas, cis-heteronormativos, binaristas e principalmente machistas.

Diante do exposto, é possível perceber que os contos de fadas não apenas alimentam fantasias infantis, mas também moldam percepções afetivas e sociais profundamente enraizadas. Dessa forma, meninas crescem com a ideia de que devem ser delicadas e manter um padrão de beleza europeizado para esperarem seus "príncipes encantados", pois precisam deles para serem sustentadas e terem todos os seus problemas resolvidos, almejando viver sua grande história de amor e acreditando que esse será o momento mais feliz de suas vidas.

Em contrapartida, meninos crescem com o entendimento de que suas atitudes devem ser baseadas em força física e no mínimo de sensibilidade possível e, ainda, que é natural que homens sejam agressivos, o que faz com que se considerem superiores às mulheres (Amarante, 2020, p.3). Essa idealização do casamento, construída sob uma perspectiva deturpada desde a infância, pode levar a mulher adulta a buscar padrões afetivos inalcançáveis. [...] "Na maioria das vezes, as mulheres são incentivadas a se casar e gerar filhos, sempre tendo uma imagem de feminilidade a zelar" (Klein; Malher; Sebastiany, 2022, p.279).

Os contos de fadas funcionam como instrumentos de violência simbólica, ao normalizarem desigualdades de gênero e perpetuarem modelos afetivos que favorecem a manutenção de relações abusivas. "[...] Todas as coisas são postas perante a mulher como estando em posição de submissão, inferioridade" (Klein; Malher; Sebastiany, 2022, p.278). Ao idealizar padrões inalcançáveis de amor e felicidade, essas narrativas operam como dispositivos simbólicos que influenciam o comportamento de meninas desde a infância, perpetuando expectativas irreais e abrindo espaço para a naturalização de relações abusivas, colocando a mulher em situação de submissão e passividade para "encontrar a felicidade". É preciso compreender que, para além da inferioridade física, seu corpo também era destinado à maternidade.

Constrói-se o mito de que a mulher é considerada determinada pela natureza como uma reprodutora, e essa determinação está enraizada nos costumes das sociedades, em que existe implicitamente a obrigação de gerar filhos (Klein; Malher; Sebastiany, 2022). Tal construção subjetiva não é acidental: ela vem acontecendo há décadas, sendo-nos ensinada pelas histórias e pela sociedade que a reproduz. Dialogando diretamente com estruturas de poder mais amplas, porém entrelaçadas, conforme coloca Michelli: "Homem e mulher são as duas faces de uma mesma moeda movimentada pela sociedade, segundo os valores de cada época, teia pegajosa



a limitar-lhes a consciência e a liberdade de ser" (Michelli, 2013, p.19).

5. DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: OS PERSONAGENS FEMININOS NOS CONTOS DE FADAS

Atualmente, os contos são a forma mais primordial de transmitir cultura entre gerações, mesmo estando presentes na sociedade antes mesmo da escrita (Zipes, 2019). Os contos foram a forma que nossos antepassados encontraram para expor suas vivências, fantasiando experiências, ensinamentos e desejos coletivos; seu conteúdo, devido à adaptabilidade oral, transformou-se de acordo com a necessidade e função do momento histórico-sócio-cultural em que era contado, tomando formas palpáveis e concretas quando a burguesia e a ideia de infância começaram a surgir, adaptando a tradição oral para a escrita além das mudanças ocorridas para o encaixe literário, sempre de acordo com ideais e expectativas do autor, os quais se baseavam em ideais patriarcais e reforçadores de comportamentos caros à comunidade capitalista e burguesa, alvo dos contos à época, sempre mantendo as ideologias patriarcais referentes ao momento histórico, além, é claro, da hipervalorização da imagem feminina como dócil e dependente, invisibilizando-a quando a mesma foge da lógica conjugal (Mateus, Biluca, et al., 2013).

Os clássicos trazem ideais de um feminino consagrado pela tradição da pureza, romantismo e inocência, marcados pela aproximação de estereótipos misóginos – como em "A Pequena Sereia", no conto original, onde a protagonista corta a própria língua, símbolo máximo de despersonalização, para ser amada e aceita, sem possibilidade de escape para outras perspectivas para a psiquê feminina, sendo possível perceber que, quando tal escape se faz possível, ele é repreendido e posto como vilão/vilã, tal como a Bruxa do Mar no mesmo conto.

A partir disso, faz-se necessário problematizar os conceitos arcaicos que os contos clássicos nos trazem, principalmente com o fortalecimento da indústria cultural através da Disney, que trouxe maior amplificação dos ideais e comportamentos valorizados pelo patriarcado, devido à manutenção social da misoginia que ocorre na mente de mulheres jovens, onde as mesmas criam ideais complexos e difíceis para sua realidade, percebendo-se na necessidade de se encontrar em submissão, como fruto do desejo do gênero masculino, causando forte despersonalização no processo de busca pela aceitação e matrimônio, gerando sofrimento psíquico diante da incapacidade de alcançar tais idealizações, levando à continuidade do status quo da mulher como submissa e coadjuvante na sociedade atual.

As princesas da Disney possuem um arquétipo de mulher: geralmente cis gênero, heterossexual, de corpo esguio, cabelos longos e tendencialmente loiro, de olhos e pele clara. Essas princesas seguem um modelo que abrange poucas mulheres ao redor do mundo, segue um padrão eurocêntrico de beleza. Além de sua estética única, suas princesas tendem a serem mulheres submissas que estão à espera de um homem para salva-las da vida azarenta que possuem por serem solteiras, em geral são moças dependentes do sexo masculino para enfim poderem viver uma vida dos "sonhos" (Lisita; Mendez, 2017, p.955).



Tais constatações reforçam o quão prejudicial o mal uso dos contos tem sido para a formação da psiquê feminina; portanto, faz-se necessária a valorização de releituras de tais contos, que trazem uma percepção aflorada de um feminino social independente, com deveres e direitos semelhantes e equivalentes aos que, anteriormente, eram unicamente voltados ao masculino.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar sobre os contos e seus impactos na formação da subjetividade humana é estudar também sobre valores, expectativas e tudo o que estamos transmitindo às próximas gerações.

A capacidade de imaginar permite que o ser humano crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções. É por esse motivo que algumas pessoas se sentem receosas ao trabalhar com crianças e jovens em desenvolvimento. A história tem um papel significativo na contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, podendo criar novos rumos à imaginação, podendo ser eles bons ou ruins (Mateus, Biluca, et al., 2013).

Questionar-se sobre o conteúdo das narrativas é questionar se desejamos fazer a manutenção de um sistema que se favorece da exploração, seja ela de gênero ou do trabalho. Enfim, refletir sobre as qualidades desejadas e indesejadas apresentadas às crianças, desta e das próximas gerações. Recontar os contos, mostrando os pontos importantes a serem explorados, não é apagar a importância histórica dos mesmos; pelo contrário, é romper com a manutenção de ideias arcaicas que subjugam pessoas e as obrigam a criar personagens ao invés de expressarem-se por inteiro.

Se Beauvoir (1967) desnaturaliza o gênero ao revelá-lo como construção, Judith Butler radicaliza essa ideia ao entendê-lo como uma performance reiterativa, um fazer contínuo sem um sujeito prévio. Para Butler (2003), não há uma identidade “mulher” por trás dos atos de gênero; a identidade é constituída pelos próprios atos que a performatizam.

A princesa passiva, então, não representa uma mulher essencialmente dócil, mas o efeito da repetição compulsória de um script cultural. Cada vez que a história é recontada, reencena-se um ritual que ensina e exige certas performances corporais (a espera, o silêncio, a delicadeza) como “naturais” para um corpo feminino. A força do arquétipo reside nessa repetição que produz a própria realidade que parece apenas descrever. Desconstruí-lo, portanto, exige mais que uma nova personagem; exige romper com a repetição do script e criar possibilidades performativas subversivas, onde o gênero possa ser vivido como um ato de invenção, e não de mera obediência a um destino pré-escrito. “O que vem acontecendo com as princesas Disney é um processo de despatriarcalização e descolonização, mas, é preciso, ainda, manter ativos os espaços de ruptura com as normalizações da representação e da distribuição dos papéis estéticos nas sociedades” (Lisita; Mendez, 2017, p.959).



É um convite ao estudo, rompendo com essa tradição de aceitar silenciosamente violências, fazendo assim a manutenção de valores que não respeitam a subjetividade humana e todas as suas pluralidades de expressões. Com isso, este texto defende a urgência em romper-se completamente com o tradicionalismo por meio de narrativas atualizadas, centradas na diversidade humana e focadas no respeito pela liberdade do indivíduo, promovendo assim, entre as crianças, a visão de uma sociedade mais empática, contribuindo finalmente para a formação de uma sociedade menos nociva e cada vez mais humanizada.

7. REFERENCIAIS TEÓRICOS

AGUIAR, E. L. C. ; BARROS, M. K. . **A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação do Papel Social da Mulher.** In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste, 2015, Natal. Anais do XVII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Nordeste. São Paulo: INTERCOM, 2015.

AMARANTE, A. C. A.. A Romantização do Abuso pelas Histórias de Ficção. **Gênero & Amazônia**, v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13300>. Acesso em: 7 fev. 2026.

BASILE, G.. **Talia, Sol e Lua.** In: BASILE, G. Lo cunto de li cunti, 1634.

BEAUVOIR, S. D.. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 2. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BETTELHEIM, B.. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BUTLER, J.. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOWLING, C.. **O complexo de Cinderela: a síndrome do medo de ser independente.** Tradução de Eliane de Aguiar de Almeida. São Paulo: Melhoramentos, 2022.

FERNANDES, F. S.. Sentidos sobre corpo, estupro e interdição em “Sol, Lua e Tália”. **ENTREMEIOS**, v. 1, n. 21, p. 63-77, 2020. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/964.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2026.

FRANZ, M. L.. **A interpretação dos contos de fada.** Tradução de Mário Frungillo. São Paulo: Paulus, 1990.

GONÇALVES, S. F.. Psicanálise dos contos de fadas: A aprendizagem informal na educação infantil. **Revista Educação Continuada**, v. 5, n. 8, p. 38-46, 2023. Disponível em: <https://host-client-assets.s3.amazonaws.com/files/educont/Edi%C3%A7%C3%A3o%20Completa%20-%20Revista%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Continuada%20-%20vol%205%20N8%20AGO%202023.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2026.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis e domésticos.** Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Editora 34, 2005. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/823169385/Contos-Maravilhosos-Infantis-e-Jacob-Grimm>. Acesso em: 7 fev. 2026.

KLEIN, J. A.; MALHER, A. T.; SEBASTIANY, B. L. da. R. Um olhar para a construção do feminino: uma análise da obra o segundo sexo de Simone de Beauvoir. *Akrópolis, Umuarama*, v. 30, n. 2,



p. 267-289, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/akropolis/article/view/8376>. Acesso em: 7 fev. 2026.

LISITA, A.C.R.; MENDEZ, M. R. T. F. . **Quando crescer quero ser princesa: a construção de gênero nos filmes de princesa da Disney**. In: I Seminário Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual, 2017, Montevideo. Anales Dispositivos y Artefactos / Narrativas y Mediaciones, 2017.

MATEUS, A. N. B. ; SILVA, F. A. ; PEREIRA, E. C. ; SOUZA, J. N. F. ; ROCHA, L. G. M. ; OLIVEIRA, M. P. C. ; SOUZA, S. C. . A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação (PUC-MG)**, v. 5, p. Capa, 2013.

MEDRADA, A.; JESUS, M.. “Ainda assim me levanto”: as narrativas históricas e a construção do eu feminino. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 4, p. 1307-1325, dez. 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000400017. Acesso em: 7 fev. 2026.

MICHELLI, R.. Enveredando por questões de gênero em contos de Perrault: Interfaces do feminino e do masculino na desconstrução de paradigmas. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 17., 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2013.

MICHELLI, R.; PRATTS, F.. Perspectivas do masculino em contos de Charles Perrault. **Enletrarte**, v. 7, n. 1, 2015. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/1761/945>. Acesso em: 7 fev. 2026.

PERRAULT, C.. **Contos da mamãe gansa**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003. Disponível em: <http://www.lighthousebilingue.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Contos-da-Mamae-Gansa-ou-Histor-Charles-Perrault.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2026.

PIMENTA, L. M.. **A representação da mulher nos contos de fadas tradicionais e modernos nas obras Cinderela e Procurando Firme**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Federal do Amazonas. Orientador: Raquel Aparecida Dal Cortivo, 2012.

TATAR, M.. **Contos de Fadas**. Nova Iorque: Clássicos Zahar, 2002.

VALENTE, A.; VASCONCELOS, T.. Era uma vez: os contos de fadas como os primeiros tijolos da construção social do gênero. **Revista Três Pontos**, v. 16, n. 1, p. 117-133, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatresPontos/article/view/19664>. Acesso em: 7 fev. 2026.

ZIPES, J.. **Os contos de fada e a arte da subversão: a função social dos clássicos e a formação do civilizado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.